

COMPLEXO CULTURAL ARIGÓ: Uma Experiência na Revitalização de Espaços Residuais através da Cultura Urbana

Pedro Teixeira Mendes Cabral¹

Mônica Maria Campos²

Resumo

Buscando apontar caminhos para reversão do processo de degradação enfrentado por uma parcela do bairro Aterrado, o presente artigo se materializa através da criação do Complexo Cultural Arigó, proposta de revitalização do espaço residual existente sob o Viaduto N. S. das Graças. A discussão inclina-se para a potencialidade destes espaços na vivência humana e de que maneira a cultura urbana pode funcionar como catalizador para retomada de sua vitalidade. Por meio de embasamentos teóricos e análises do território, o trabalho aponta um modelo ideal de cidades que pensam o território sob a escala humana e a estrutura para tal, além de propor um conjunto de ações que possibilitem a reestruturação do território em questão, caminhando para o alcance de espaços urbanos que reinsiram as pessoas em suas dinâmicas. Por fim, o trabalho pretende se estabelecer enquanto embasamento teórico para os próximos passos do projeto.

Palavras-chave: Revitalização. Espaços residuais. Cultura urbana. Escala humana.

ARIGÓ CULTURAL COMPLEX:

An Experience in the Revitalization of Residual Spaces through Urban Culture

Abstract

Searching for ways to reverse the degradation process faced by a portion of the neighborhood Aterrado, this article about material of creation of the Cultural Complex Arigó, proposes the revitalization of the residual space under Viaduct N. S. of Graças through the creation of the Arigó Cultural Complex. The discussion focuses on the potentiality of these spaces in human life and how an urban culture can act as a catalyst for the resumption of its vitality. By means of theoretical bases and analysis of the territory, the study points out an ideal model of cities that think the territory

¹Graduado em Arquitetura e Urbanismo-2017 do Centro Universitário Geraldo Di Biase.

²Docente do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Geraldo Di Biase. Mestre em Engenharia de Transportes pela COPPE/UFRJ.

under the human scale and the structure for such, besides proposing to set of actions that allow to restructuring in the territory in question, moving towards the urban spaces that reinsert the people in their dynamics. Finally, the work intends to establish itself as a theoretical basis for the next steps of the project.

Keywords: Revitalization. Residual spaces. Urbanculture. Humanscale.

Introdução

As cidades vivem constantes transformações em suas dinâmicas. Os princípios de planejamento que nortearam a reflexão sobre o espaço urbano a partir do século passado, ignoraram o principal elemento formador da cidade: o ser humano. Os reflexos destas ações são territórios fracionados em zonas funcionais que distanciam cada vez mais os usuários, aumentando as disparidades sociais. Os rumos do espaço urbano são traçados sob a perspectiva do automóvel e das questões relacionadas ao tráfego de veículos, ignorando o homem.

Volta Redonda passou pelos mesmos processos. Fundada em 1954, sob os traços de Atilio Correa Lima, a cidade surgiu a partir da implementação da Companhia Siderúrgica Nacional, marco estruturante da terceira era da industrialização brasileira. Com a construção da CSN, o sítio geográfico em questão passou a abrigar um grande fluxo de trabalhadores atraídos pelas novas oportunidades. Sua expansão e conseqüente adensamento populacional, configurou um território pouco planejado em que novamente a cidade perdia sua escala humana.

Partindo dessa perspectiva, o presente trabalho surgiu da observação do espaço residual existente sob o Viaduto Nossa Senhora das Graças, no bairro Aterrado. Suas potencialidades chamaram a atenção para a possibilidade de revitalização da área em questão. Para tanto, priorizou-se a criação de equipamentos culturais que privilegiassem a cultura urbana local e que conseqüentemente culminassem em ações catalisadoras deste processo.

Porém, a partir da aproximação e da análise do objeto, percebeu-se que o recorte do bairro no qual o baixio do viaduto se insere passa por um profundo processo de degradação. A partir deste ponto o projeto passou a ganhar uma nova

dimensão, em que, além da proposta de requalificação do espaço residual ali existente, seria necessária uma prévia análise do território degradado, definindo seus limites, compreendendo os motivos pelos quais ele passou por este processo, e indicando ações que possibilitassem uma reestruturação da área como um todo, justificando e consolidando a ideia inicial do projeto.

Volta Redonda possui um grande potencial cultural, principalmente no que se refere à cultura urbana. Hoje a cidade possui mais de dez coletivos de rua que promovem intervenções no espaço urbano. Criar uma estrutura que apoie e promova a disseminação destas manifestações é dar o real sentido que as cidades deveriam possuir, de integração entre o homem e seu espaço.

As análises e apontamentos sobre o território também são relevantes, pois através desta leitura podemos gerar reflexões acerca do processo de degradação que parte do bairro vem sofrendo e sobre os rumos que a cidade deve tomar para que os usuários possam ser novamente protagonistas.

Dinâmicas Urbanas e os Espaços Residuais

O espaço urbano contemporâneo, em sua maioria, é reflexo de princípios de planejamento que pensavam as cidades enquanto suporte para veículos³. Este pensamento surge em decorrência da Revolução Industrial e do advento das máquinas como uma nova maneira de racionalização da vida moderna. Sob este prisma, as cidades modernistas moldaram territórios que excluía de suas dinâmicas os espaços públicos de encontro, dando lugar às grandes vias.

No modo modernista de concepção dos espaços urbanos, são diversos os fatores que distanciam o usuário da vivência nas cidades. O fracionamento do território em zonas funcionais, de certa maneira, modelou-se como instrumento de segregação urbana. De acordo com Villaça, “[...] a segregação é um processo segundo o qual diferentes classes ou camadas sociais tendem a se concentrar cada vez mais em diferentes regiões gerais ou conjuntos de bairros da metrópole.” (VILLAÇA, 2001, p. 142). Quando o território é pensado em frações, classes sociais

³ JACOBS, Jane. Morte e Vida das Grandes Cidades. São Paulo, Martins Fontes, p.2.
Rev. Episteme Transversalis, Volta Redonda-RJ, v.8, n.1, p.193-213, jan./jun.2017

mais favorecidas alcançam privilégios sobre a divisão espacial. Neste processo, a população de baixa renda é distanciada das regiões dotadas de infraestrutura e pulverizada em subúrbios e regiões periféricas sem as menores condições de atender às demandas deste grupo social. São processos como estes que distanciam as cidades de sua principal função de moldar-se para atender as demandas do usuário enquanto indivíduo.

A qualidade de vida nas cidades contemporâneas relaciona-se diretamente ao modo como elas são pensadas. A escala humana deve nortear o pensamento sobre o espaço urbano. Assim, quando os olhares se voltam novamente para o protagonismo humano no território, diversas questões são solucionadas. Segundo Jan Gehl:

As cidades devem pressionar os urbanistas e os arquitetos a reforçarem as áreas de pedestres como uma política urbana integrada para desenvolver cidades vivas, seguras, sustentáveis e saudáveis. Igualmente urgente é reforçar a função social do espaço da cidade como local de encontro que contribui para os objetivos da sustentabilidade social e para uma sociedade democrática e aberta. (GHEL, 2015)

Os espaços públicos possuem grande vitalidade enquanto lugar de encontro e vivência humana, porém quando dão lugar às então citadas vias de tráfego, perdem sua expressividade. Para Richard Sennet, as ruas no panorama contemporâneo das cidades perderam seu sentido de espaços de convívio e estabeleceram-se como simples locais de passagem. “O homem moderno perdeu a possibilidade de experimentação que as ruas lhe ofereciam por trocar o simples caminhar pela correria dos automóveis” (SENNET, 1993, p.32). Neste contexto, muitos destes espaços públicos passam a configurar espaços residuais.

Estes espaços residuais, no contexto das dinâmicas urbanas contemporâneas, formam o principal veio deste trabalho. Ele pretende se estabelecer enquanto uma experimentação da revitalização de um espaço desta natureza, realçando suas potencialidades através de equipamentos culturais com vistas à cultura das ruas, com a crença em sua importância na formação de cidades que retomem a escala humana como principal objetivo.

Objetivos da Pesquisa

O principal objetivo do projeto consiste na revitalização do espaço existente sob o Viaduto N. S. das Graças e suas adjacências, também por indicações de ações que reestruturem todo território degradado do bairro. A área em que o objeto está inscrito corresponde a um setor marginalizado do bairro Aterrado, em Volta Redonda-RJ. Acredita-se que ao recuperar as potencialidades deste espaço, conferindo-lhe uma “vida nova”, a construção de uma nova dinâmica do território em questão será facilitada.

O caminho central se indica através da ressignificação do espaço residual existente sob o viaduto. Compreendemos espaços residuais como “[aquele que] sobra entre os espaços privados ocupados (...) um espaço forçosamente sem forma própria, sem sistema simbólico preciso e sem nome, insignificante e inominável no sentido etimológico da palavra”. (HUET, 2001, p. 147), mas que possuem grande potencialidade enquanto local de vivências e trocas da sociedade. Estes baixios de viadutos são exemplos de ambientes criados pelas ocupações urbanas pós Revolução Industrial. Como citado anteriormente, com o advento da industrialização e com uma consciência voltada para produção, as cidades passaram a pensar em suas lógicas sob a perspectiva dos veículos e, conseqüentemente, lugares como estes foram surgindo nos cenários urbanos. Quando se define uma nova semântica para estes espaços, eles possuem a possibilidade de serem reinseridos nas dinâmicas urbanas e apropriados pelos usuários.

No tocante ao Complexo Cultural em si, defende-se que as barreiras entre espaço interno e externo devem ser levadas ao mínimo. Dentro da perspectiva de integração à cultura urbana, a rua deve ser também cenário do projeto. Através da aproximação dos espaços edificados com os passeios e áreas públicas, o usuário será direcionado naturalmente a permear o Complexo como um caminho de seu cotidiano, e desta maneira estará em constante contato com as possibilidades ali existentes.

A utilização e integração dos vazios urbanos existentes no entorno do baixio, configuram um caminho que torna o ambiente como um todo mais permeável, sem

criar uma barreira para o usuário. Projetos desta natureza, de integração de vazios criando uma cadeia de edificações correlacionadas, apontam-se como tendência assertiva em projetos de revitalização e dentro do Brasil já existem experiências semelhantes.

A proposta de intervenção na região do viaduto se potencializa no momento em que não é pensada de forma estanque. Indicar medidas e caminhos para a revitalização da região como um todo, significa embasar e dar sentido ao projeto do Complexo Cultural. Para que haja de fato uma revitalização da área em questão, é necessário que seja feita uma revisão dos usos existentes. Um dos fatores responsáveis pela marginalização do local é o fato de atividades serem exercidas somente no período comercial noturno e não existe nenhum tipo de ocupação que movimente e crie segurança. De acordo com Jane Jacobs (1961), com a proposição de usos variados para as diversas horas do dia, o trecho do bairro trabalhado ganhará uma segurança consequente da própria ocupação e da presença dos usuários no local. A principal diversidade de uso seria possibilitada através de edifícios de uso misto, que com a ocupação intensa do espaço e com o uso de fachadas ativas⁴ em sua configuração, tornariam o espaço mais dinâmico.

De maneira geral, para que o processo de construção e planejamento do projeto seja de fato objetivado nas demandas culturais da cidade e na construção de um espaço que seja apropriado pelos criadores e consumidores desta cultura, estes grupos devem ser ouvidos e incluídos nas decisões do projeto, para que o sentimento de pertencimento do espaço, tão importante para manutenção de sua vitalidade, aconteça de fato.

Em entrevista realizada com Márcia Fernandes⁵, pode-se observar que a principal demanda cultural da cidade consiste na falta de oportunidade da utilização de espaços públicos pelos movimentos culturais, portanto o projeto pretende democratizar estes espaços e criar um cenário que dê suporte aos usuários.

Uma cidade inclusiva e que retome as significâncias da vivência humana em seu território é o alvo que este projeto pretende atingir, através de reflexões sobre

⁴ Utilização das fachadas do pavimento térreo por uso não residencial com abertura e integração com o espaço público.

⁵ Ex-Secretária de Cultura de Volta Redonda e Diretora do Instituto Dagaz.

uma pequena parcela de Volta Redonda. Indicar novos usos, novas dinâmicas e novas possibilidades para região, são caminhos que levarão ao objetivo final.

Público-Alvo: A Cultura Urbana e os Consumidores de Cultura do Município

As cidades são locais de convívio e projeção das expressões sociais, culturais e individuais da sociedade. Nelas as diversidades coexistem e moldam suas dinâmicas. É a partir deste cenário que agentes culturais se apropriam do território comum às expressões coletivas e individuais, transformando em palco para suas manifestações ao estabelecer o que se conhece como cultura urbana. Entende-se como cultura urbana, toda manifestação cultural que se utiliza do espaço urbano como suporte. E sob este prisma, o trabalho se baseia na crença de que ações culturais funcionam como propulsoras do processo de revitalização.

O mundo contemporâneo vive diversas experiências de manifestações e expressividades relacionadas à cultura urbana, sendo o hip-hop, um dos movimentos mais expressivos. O hip-hop surgiu no Bronx, bairro de Nova Iorque, a partir de uma parcela marginalizada e oprimida. O movimento possui como marca a intensa ocupação do espaço urbano, baseada em suas ideologias. O rap, estilo musical que compõe o movimento hip-hop, é uma vertente com grande expressão comercial em nível global, fato que comprova as possibilidades destes movimentos de rua.

É a partir desta cultura das ruas que surge a reflexão sobre o presente projeto e se estabelece o principal público alvo, além de outras parcelas que serão citadas posteriormente. Neste contexto, surge o Complexo Cultural Arigó, que se estabelece como um equipamento urbano que visa atender às demandas culturais do município.

O público alvo, além da própria população de Volta Redonda, são os artistas de rua, produtores e consumidores de cultura, com gêneros variados e faixa etária entre 15 e 35 anos. O objetivo é que o Complexo possa funcionar como um suporte às manifestações destes artistas, amparando-os e oferecendo infraestrutura para o desenvolvimento de suas atividades.

Considerando o cenário da cidade, Volta Redonda ainda necessita de iniciativas de promoção às manifestações culturais. A cidade demanda espaços com infraestrutura para o convívio das diversidades e para o contato e enriquecimento cultural dos seus habitantes. Alguns equipamentos se destacam, e nos servem como referenciais para a compreensão das movimentações da cultura em seu território, dentre eles podemos citar: Teatro Gacemss, Memorial Zumbi dos Palmares, Cine 9 de abril, Espaço das Artes Zélia Arbex, Centro Cultural CSN e Biblioteca Municipal.

No atual cenário de produção cultural estes equipamentos ganham destaque em suas manifestações. O Memorial Zumbi, neste último ano, se institui como expressivo movimentador de cultura da cidade, principalmente no âmbito da cultura afro. O Centro Cultural Fundação CSN, através da promoção de atividades e oficinas, também se institui como importante equipamento no atual panorama municipal.

Para além dos já estabelecidos equipamentos e produtores culturais formais, alguns coletivos ganham destaque por seu trabalho e produção independente, muitos deles no âmbito da cultura urbana. Para ilustrar o trabalho destes coletivos, se estabelece como referência o Coletivo Imbica e a Roda Cultural.

O Coletivo Imbica promove bailes de rua nos mais variados locais de Volta Redonda. O trabalho começou de forma independente no qual os jovens conseguiam os equipamentos necessários aos bailes, marcavam os encontros através de redes sociais e mobilizavam uma grande quantidade de pessoas. Com o decorrer das edições, o coletivo conseguiu o apoio da Secretaria Municipal de Cultura, o que facilitou a realização dos eventos.

Outra referência que se destaca é a Roda Cultural. O movimento surgiu através de participantes da cultura Hip-Hop que se reuniam para promover batalhas de rimas entre mc's⁶, que duelam através do uso de improvisos líricos. Com o tempo, as batalhas foram se disseminando pela cidade e a Roda Cultural ganhou expressividade. Hoje, Volta Redonda possui mais de 8 rodas de rima nos bairros.

⁶MC é uma sigla referente à Mestre de Cerimônias. Um MC pode ser um artista que relacionado ao cenário musical ou pode ser o apresentador de um determinado evento. Sua figura é comum dentro da cultura Hip-Hop.

Para compreensão da realidade do público e para o embasamento da proposta, realizou-se uma entrevista com Pablo Duca, músico e produtor cultural ativo no município, e dono do Estúdio QVP. Segundo Pablo, a cultura funciona como ferramenta agregadora diante de uma região de pouca utilização. Sua visão sobre o Complexo Arigó é que o objeto pode gerar uma carga imensa de possibilidades de realizações culturais em espaço público, tornando o centro algo mais interessante a ser redescoberto, explorado e principalmente, vivenciado.

Alguns dados estatísticos permitem melhor compreender a relevância de um equipamento como este em Volta Redonda. Segundo dados do IBGE, o município possui uma média de 265 mil habitantes e um território de 182 km². Inclinando esta análise para o Aterrado, os números são de 5 mil habitantes em média e 1,12km². Estes números indicam que em se tratando de uma cidade dessa dimensão, de fato ainda existe uma carência em espaços de promoção cultural.

Apesar de não ser um bairro muito populoso em comparação aos demais bairros do município, o Aterrado possui grande centralidade na cidade, o que o torna importante e influente. Ele também se estabelece enquanto local de passagem e ligação de partes diferentes da cidade, o que justifica a implantação do Complexo, pois devido a este fator muitas pessoas circulam por ali, aumentando as possibilidades de atendimento à diferentes parcelas da sociedade.

Em sua maioria, a população residente é adulta e possui rendimento considerável. Se estabelece como população de classe média, entretanto, apesar destes números indicarem um panorama geral do bairro, o recorte no qual o objeto deste trabalho se insere possui uma dinâmica um pouco diferente. O foco aqui apresentado está nas poucas unidades habitacionais que não abrigam a população padrão do bairro. A média de rendimento dos habitantes também cai no recorte, pois ali reside, em grande parte, a população marginalizada. Estes números se estabelecem como guias para leitura do território.

Referências Projetuais

Centro Cultural São Paulo

Inaugurado em 1982, o Centro Cultural São Paulo, localizado na cidade de São Paulo entre a Rua Vergueiro e a Av. 23 de Maio, foi fruto de um plano de urbanização para região em que se encontra. Inicialmente, por direcionamento do então prefeito Miguel Colasuonno, o projeto seria inclinado a atender o programa de uma biblioteca. Porém, com a troca de gestão em 1979, foi decidido que o programa deveria ser ampliado para um centro cultural, inspirado no Georges Pompidou. Neste ponto os arquitetos Eurico Prado Lopes e Luiz Telles concretizaram o projeto do CCSP.

Enquanto objeto arquitetônico, o Centro Cultural São Paulo destacou-se como referência projetual, pois se configura como um local de passagem assim como a proposta do Complexo Cultural.

Seu fluxo é dividido por uma rua interna e passarelas que cortam o edifício e direcionam o usuário. Seu amplo programa chama também a atenção e ajuda a criar uma base de possíveis necessidades e ambientes, como por exemplo os espaços de exposição, teatro, cinema e biblioteca. O local é carregado de urbanidade, em que se percebe o vínculo criado entre o usuário e o espaço. Outro fator que referencia o projeto é o fato da edificação integrar-se ao espaço público, reduzindo ao mínimo as barreiras entre público e privado.

Figura 1. Centro Cultural São Paulo



Fonte: Flickr user annette from austria (CC BY-NC 2.0)

[...] o Centro Cultural São Paulo integra-se à paisagem de São Paulo, não se impondo visualmente, e constitui-se como passagem e ponto de encontro para uma variada gama de pessoas diariamente, de idades, classes sociais e interesses diversos. É um exemplo de urbanidade e diversidade, um espaço democrático, projeto cultural bem-sucedido. (SOUZA, 2017)

Baixio Viaduto Silva Lobo

A prefeitura de Belo Horizonte/MG, no ano de 2014, propôs um concurso para requalificação de baixios de viadutos da cidade. Após perceber o processo de degradação que estes espaços enfrentavam, o poder público propõe o concurso a fim de enxergar possibilidades para a reestruturação destes espaços da cidade. Entre os ganhadores, destacou-se como referência o projeto do escritório ENTRE arquitetos. Os autores do projeto identificaram as áreas sob o viaduto como espaços potenciais para vivência e o encontro humano, requalificando-as para tal. Inseriram equipamentos que atendem à população e dão um novo sentido ao local.

Figura 2. Maquete eletrônica para o projeto do baixio



Fonte: Entre arquitetos

O projeto possui semelhanças com o objeto deste trabalho, servindo como material de estudo para o embasamento das tomadas de decisão. A maneira como a concepção do projeto se relacionou com o espaço, aponta caminhos e possibilidades de intervenções sobre a região em que inscreverá o Complexo Cultural Arigó.

As imensas desigualdades de renda do país criam formas de segregação espacial, e áreas privadas, como os shoppings centers, substituem, por razões de segurança e de pasteurização social, lugares tradicionais do convívio público, como ruas e praças. (CAPELLA, 2014)

Referências Conceituais

Espaço Cultural Rio Charme

Na década de 90, a partir do bloco carnavalesco “Pagodão de Madureira”, sediado na área inferior ao Viaduto Negrão de Lima, iniciou-se o projeto “Charme na rua”. A proposta consistia em bailes de rua, idealizados por um grupo amigos, que aconteciam na região do viaduto e que promoviam a cultura hip-hop. Com os anos, os bailes foram tomando proporções maiores e passaram a configurar um elemento fundamental para cultura do bairro. O governo do estado, em 1995, reconhece a relevância da proposta e incentiva com reconhecimento legal e reformas no baixo do viaduto, de modo a promover a estrutura necessária para o acontecimento das festas. O movimento passa a se chamar “Projeto Rio charme”.

O Espaço Cultural Rio Charme configura-se como referência, pois ele ratifica a ideia que ações culturais organizadas sobre o espaço urbano são potenciais catalizadores de sua revitalização. Apesar de ser uma ocupação espontânea, as ações planejadas também podem conferir o pertencimento do usuário sobre o território, desde que os processos se deem de forma participativa.

Leitura Crítica do Entorno

Para compreensão do objeto, tornou-se necessário uma leitura crítica do território no qual ele está inserido. Como já citado anteriormente, a região em que o Complexo Cultural será inserido encontra-se em processo de degradação. As consequências deste processo interferem diretamente nas dinâmicas do bairro, principalmente no recorte em questão. A marginalização da região é um dos

Rev. Episteme Transversalis, Volta Redonda-RJ, v.8, n.1, p.193-213, jan./jun.2017

principais problemas consequentes da degradação, que junto a outros fatores, como subutilização de imóveis e vazios urbanos excessivos, fortalecem este quadro.

O primeiro passo para a apreensão do território é a compreensão dos motivos pelos quais a região chegou a este estado. Inicialmente, o bairro possuía dinâmicas completamente diferentes das constatadas atualmente. Nos arredores do baixio, existia o Mercado Santa Cecília, primeiro centro comercial do município, que ali se instalara por sua proximidade à estação férrea. Os usuários, em sua maioria operários da Companhia Siderúrgica Nacional, eram frequentadores assíduos da localidade. No início do bairro existia uma ligação entre a Avenida Paulo de Frontin e a Avenida Amaral Peixoto por sobre os trilhos do trem. Esta ligação dava vitalidade para região e criava um fluxo intenso de circulação entre os dois lados da linha férrea, movimentando intensamente a área em questão. Segundo Lincoln Botelho da Cunha⁷, nas primeiras décadas da construção da cidade, a região de maior movimento e vitalidade de Volta Redonda, era a Avenida Paulo de Frontin. Era ali que, realmente, se instituía o centro comercial do município. Porém, com a construção do muro que isolava a linha férrea impedindo a circulação de pedestres e veículos, e, também, a construção do viaduto que substituía o acesso ao Aterrado, as atividades ali inseridas se diluíram e os espaços perderam sua expressividade com o passar do tempo, delimitando um recorte degradado do bairro.

Este processo de delimitação do recorte, identificou-se como seus limitadores os dois viadutos do bairro, Nossa Senhora das Graças e Heitor Leite Franco, a linha férrea e a Rua José Fulgêncio Neto. A linha férrea por si só já constitui um limite muito concreto e com intensa expressividade na paisagem. Segundo Kevin Lynch (1960), estes limites muitas vezes funcionam como barreiras que isolam determinadas regiões de outras. Os dois viadutos, por recolherem uma parcela do bairro sob suas vias de circulação, geram uma “mancha” de degradação nos arredores de seus baixios, pois as regiões adjacentes desta área são excluídas das dinâmicas do bairro. O fim do recorte identificado se materializa na Rua José Fulgêncio Neto, que confirmando a teoria das manchas de degradação, coincide

⁷ Dados retirados da entrevista realizada com Lincoln Botelho da Cunha, Professor em Arquitetura e Urbanismo, Bacharel em Direito, Ex Secretário de Planejamento de Volta Redonda.

com o fim dos viadutos. Com a apreensão do recorte, o passo seguinte consiste em identificar medidas que poderiam reverter este quadro.

As cidades devem ser pensadas para o homem. Partindo deste pressuposto, o olhar para com o recorte deve se dar de maneira diferente. As medidas que potencializarão a recuperação da região, são medidas que reinsiram o homem nas dinâmicas daquela parcela do território e que dialoguem em escala com o mesmo. Como aponta Jan Ghel, “Reforça-se a potencialidade para a cidade tornar-se viva, sempre que mais pessoas sintam-se convidadas a caminhar, pedalar ou permanecer nos espaços da cidade.” (GHEL, 2010, p. 6)

Atualmente, o que se observa na área em questão é diretamente o oposto. O funcionamento se dá apenas no horário comercial, e ainda assim, em sua maioria, o conjunto de serviços e oportunidades ali presentes não são tão expressivos. Com exceção de um trecho da Av. Paulo de Frontin, onde um comércio local tradicional está estabelecido, não se identifica uma expressividade nos usos locais. Os vazios urbanos e os imóveis subutilizados se dão em número alarmante, apontando para uma desvalorização da área. Serviços que não exploram o potencial social local e que ali se instalam pelo baixo custo relativo à centralidade da região, como oficinas mecânicas e depósitos de materiais, são cada vez mais comuns. A partir deste panorama é que surge a principal questão: Como reverter este processo, reaproximando o usuário e fazendo com que ele se aproprie do território?

A permanência do usuário é a principal questão na reversão do processo. O meio pelo qual a permanência será garantida é através da revisão dos usos, como apontado por Jane Jacobs. De maneira geral, a habitação precisa ser inserida no território e equipamentos destinados a atender as demandas socioculturais do usuário devem se estabelecer no local. Para tanto, o adensamento controlado da área através de edifícios de uso misto, a criação de equipamentos socioculturais e a revitalização de potencialidades da área, formariam um cenário promissor na reestruturação do recorte.

Os edifícios de uso misto, fazendo coexistir serviços, comércio e habitação, garantiriam a permanência dos usuários durante todo período do dia. A construção destes edifícios culminaria em um adensamento da região, o que inevitavelmente traria mais vitalidade. Um fator importante é a constituição de fachadas ativas nestas

edificações, o que proporcionaria também uma maior vitalidade e dinamismo para as ruas locais. Neste processo, o gabarito deve ser controlado para que as características morfológicas do bairro se mantenham. É interessante apontar que parcelas do espaço destes edifícios devem ser voltadas para habitação de interesse social, pois dentro do próprio bairro existe uma parcela da população ocupando as áreas de proteção permanente do rio Paraíba, que é classificada como área de risco.

Ações desta natureza evitariam um processo de segregação espacial que poderia acontecer como consequência da reestruturação do recorte. Fatores influentes para este processo, apontados por Flávio Villaça (2012), como o tempo de deslocamento e o local dos empregos, seriam superados, pois o bairro localiza-se em região central da cidade, próximo aos locais de trabalho e é dotado de infraestrutura, o que daria suporte para esta parcela da população.

As propostas de revitalização trariam novas oportunidades e reestruturariam objetos locais expressivos, como o “Beco das Bicicletas” e o “Edifício Redondo”, por exemplo. O primeiro poderia ser alvo de uma intervenção que revitalizasse a arquitetura dos edifícios datados do início da construção da cidade e incentivasse a construção de bares e restaurantes em seus pavimentos térreos. Criar-se-ia, assim, uma nova atratividade para o local sem anular o comércio específico ali estabelecido.

Dentro da proposta para o “Edifício Redondo”, o prédio poderia se estabelecer enquanto um centro integrado de serviços que se estruturasse como referência regional. Tal proposta se torna ainda mais relevante pois, dentro do próprio plano diretor da cidade, na Leitura do urbanista Jorge Wilhein, o bairro Aterrado se insere no arco de centralidades, que estrutura Volta Redonda como polo regional de comércio e serviços.

O Complexo Cultural Arigó, objeto deste trabalho, seria um equipamento cultural para atender as demandas do município e da nova população que seria atraída para o local. A proposição do objeto integraria uma parcela considerável do recorte como suporte para estes novos usos ali estabelecidos.

Estes são apenas alguns apontamentos de intervenções catalisadoras, que juntas poderiam formar um cenário de reversão e reinserção do recorte nas

dinâmicas da cidade. Estas propostas poderiam ser fruto de uma operação urbana consorciada, instrumento de ação efetiva previsto no estatuto da cidade que, junto a outros instrumentos previstos na lei em questão, viabilizariam as propostas citadas.

O Terreno

Para implantação um equipamento da natureza do Complexo Cultural, algumas premissas se indicaram como fundamentais. Primeiro, tornou-se claro que o Complexo deveria integrar-se ao espaço público, diluindo as barreiras entre a futura edificação e a rua. Para tanto, optou-se por integrar diferentes áreas próximas ao baixio do viaduto para a conformação do projeto.

Dentro destas premissas, além do espaço residual em si, elegeram-se também dois vazios urbanos adjacentes ao viaduto, às áreas de circulação existentes sob o mesmo e a praça da chaminé localizada ao lado do baixio, que juntos computam uma área de aproximadamente 4900m².

Este conjunto de ambientes que forma a área do projeto, possui boa localização em relação ao acesso de pedestres. Seus acessos se dão através da Rua Neme Felipe, da Av. Paulo de Frontin, e da passarela que liga a Avenida Amaral Peixoto e a Vila Santa Cecília ao Aterrado. Quanto à passarela, vale ressaltar que se pretende tomá-la como elemento fundamental do partido arquitetônico através da integração às circulações do Complexo.

Em relação ao entorno imediato do objeto, como já discutido anteriormente, pode-se observar que os usos são basicamente comerciais. A proximidade com a Avenida Paulo de Frontin trouxe à Rua Neme Felipe, uma circulação considerável no período diurno, que atrelado ao fluxo das passarelas, geram um grande tráfego de pessoas no local durante o período comercial.

Em relação à morfologia do terreno e seus condicionantes ambientais, pode-se dizer que não há barreiras à execução do projeto. A topografia plana do terreno favorece à implantação do edifício através de diversas possibilidades. A fachada norte do terreno dá frente à Rua Neme Felipe, o que indica a necessidade da elaboração de soluções relacionadas ao conforto térmico da edificação em relação à

possível fachada frontal. Quanto as massas vegetais, nota-se que o entorno não possui vegetação expressiva, o que também indica um fator a ser pensado no projeto.

Na legislação que norteia a região, segundo a Lei Municipal 4.441 e a Lei Municipal 1.412, o objeto se insere em uma Zona de Atividade Especial (ZAX). Para esta zona, a legislação prevê que os usos pretendidos para o local são adequados. A lei fixa alguns índices para região, sendo estes: Taxa de ocupação máxima:70%; Coeficiente de aproveitamento máximo: 4; Afastamento Frontal: para o tipo de equipamento em questão o afastamento é nulo.

Visitas de Campo

Para o aprofundamento da temática e o alcance das possibilidades reais de projeto, foram realizadas visitas de campo a objetos semelhantes ao que se propõe neste trabalho. As experiências aconteceram no Centro Cultural Fundação CSN e no Sesc Barra Mansa.

Quanto à experiência no Sesc Barra Mansa, alguns fatores mostraram-se relevantes. O espaço conta com uma grande área externa, em que alguns equipamentos se distribuem, coexistindo com uma grande massa vegetal. Na área interna do prédio, apesar da visita não ter sido bem recepcionada, observou-se que existe uma carência nas áreas destinadas às exposições. Dentro da edificação, há apenas uma área de exposição pequena e dentro da unidade, um teatro. Entretanto, não foi permitida a visitação. Os outros ambientes internos não apresentam novidades relevantes.

O grande referencial que se pode extrair da visita ao Sesc foi o espaço de anfiteatro existente em sua área externa, que indica uma possibilidade para o Complexo Cultural Arigó.

A visita mais expressiva para o projeto, aconteceu no Centro Cultural Fundação CSN. O Centro Cultural consiste em um espaço destinado a receber projetos culturais diversos. O principal mantenedor do projeto é a Fundação Cultural CSN.

O primeiro fator que chamou a atenção foi a utilização das paredes externas do prédio como suporte para algumas obras de artes visuais. O prédio localiza-se em um terreno com grandes dimensões e uma área externa relativamente grande que eventualmente são utilizadas para ocupações externas como o projeto Samba do abacateiro⁸.

A experiência dentro do Centro Cultural foi guiada por Giane de Carvalho⁹, que com toda atenção e paciência apresentou o conceito do projeto e os ambientes que compõem a edificação. Dentro destes ambientes, uma sala destinada à audição de Ip's destacou-se como referencial importante para possíveis ambientes do Complexo. Porém, a principal referência que surgiu a partir do contato com o Centro Cultural, foi a questão conceitual aplicada ao espaço.

Segundo a apresentação de Giane, os espaços da galeria se qualificam por fugirem ao uso corriqueiro destes ambientes, em que a exposição instalada se adapta à galeria. No caso observado, a dinâmica se dá ao contrário, em que o espaço funciona como suporte para as obras que ali serão expostas.

Outro conceito interessante adotado é que o ambiente é livre para ocupações culturais externas de agentes e consumidores de cultura da cidade. Durante a visita, dançarinos faziam uma ocupação espontânea no local. Este fator se aponta como fundamental conceito a ser utilizado na elaboração do Complexo Cultural Arigó.

Programa de Necessidades

O pensamento sobre os ambientes iniciou-se pelo próprio espaço residual, que comportará uma área de palco externa e um cinema ao ar livre. Na área relativa à praça da chaminé, a proposta surge a partir da construção de um skatepark com tamanho proporcional à área disponível, além de uma proposta de paisagismo que componha os ambientes e valorize a chaminé enquanto patrimônio.

O objeto arquitetônico será materializado de fato na área relativa aos vazios urbanos. Para o edifício, os ambientes apontados preliminarmente são um teatro-cinema para 150 pessoas, um estúdio musical, salas multifuncionais para oficinas,

⁸ Projeto de ocupação realizado por sambistas da região, que consiste na promoção mensal de festas de samba nas áreas externas do Centro Cultural Fundação CSN.

⁹ Coordenadora do Centro Cultural Fundação CSN, que recepcionou e guiou a visita.

ateliers e biblioteca. Nas áreas que se integram às circulações ficarão dispostas as áreas de exposição e estações compartilhadas de trabalho, em que o usuário poderá se utilizar da infraestrutura fornecida pelo Complexo Cultural para realizar trabalhos pessoais. Além destes ambientes, serão construídos o setor administrativos e os espaços de suporte ao funcionamento do programa indicado, como sanitários, depósitos etc.

Ainda dentro da edificação, um ambiente pensado sob a perspectiva de fomento aos artistas locais, seria a criação de um estúdio de desenvolvimento de ideias, que abrigaria projetos dos produtores de cultura a fim de auxiliá-los no desenvolvimento da proposta. Estes ambientes se relacionariam às diversas manifestações artísticas, como música, teatro, pintura, audiovisual, etc.

Na área lateral de circulação que dá acesso à Avenida Paulo de Frontin, será proposta uma ocupação através de bares e restaurantes, o que movimentará a vida noturna na região. Estes bares poderão se utilizar da área externa de palco para promoção de apresentações que movimentem a circulação no local no período noturno. De maneira geral este programa funciona como um apontamento preliminar dos ambientes pretendidos, que poderão ser modificados ao longo do exercício projetual.

Considerações Finais

Tendo em vista o atual processo de degradação ilustrado, torna-se nítida a necessidade de reversão deste quadro. O caminho para tal reversão se indica através da revitalização do recorte, por meio de ações integradas de intervenção. Como relacionado no escopo deste trabalho, pretende-se através da revisão dos usos e da proposição de equipamentos que reinsiram os usuários no território, consolidar um cenário promissor na reestruturação em questão.

Dentro do contexto indicado, o Complexo Cultural Arigó aponta-se como potencial proposta de intervenção. O equipamento tenciona atender às demandas culturais do município, além de integrar o conjunto de ações de reestruturação da região.

O conjunto de intervenções propostas direcionará a região ao ideal de cidade apontado, que compreende o território enquanto cenário da vivência humana, pensando no espaço para as pessoas. Porém, para que de fato se alcance este objetivo e para que a região se potencialize como um todo, as intervenções devem se relacionar em suas dinâmicas.

O Complexo se estabelecerá enquanto embrião na revitalização da região, será desenvolvido e estudado a fundo. Nesta proposta, a revitalização do espaço residual existente sob o Viaduto N. S. das Graças, através da cultura urbana enquanto elemento catalizador do processo, se indica como importante alicerce do projeto.

Os caminhos projetuais e o planejamento das dinâmicas do objeto deverão ser pensadas em conjunto com as outras propostas apontadas, para que o Complexo não se materialize enquanto um elemento estanque e se justifique dentro de um contexto maior.

Para os próximos passos do desenvolvimento do projeto, este trabalho estabeleceu-se enquanto embasamento teórico, que pretende dar suporte para que as decisões se justifiquem e se potencializem dentro do contexto apontado.

Referências

BAIXO VIADUTO SILVA LOBO. Disponível em: <www.entrearquitetos.com> Acesso em: 25 out. 2017.

BEZERRA, Aline Maria Marques; CHAVES, César Roberto Castro. **Revitalização urbana**: entendendo o processo de requalificação da paisagem. Periódico do Centro de Estudos em Desenvolvimento Sustentável da UNDB. São Luís: UNDB, n° 1, 2014.

FERRO, Lígia; RAPOSO, Otávio; GONÇALVES, Renata de Sá. **Expressões artísticas urbanas**: etnografia e criatividade em espaços atlânticos. 1. ed. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2015.

GHEL, Jan. **Cidades para pessoas**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

HUET, Bernard; ALMEIDA, Marco Antonio Ramos. **Os Centros das Metrôpoles**. 1. ed. São Paulo: Editora Terceito Nome, 2001.

IBGE. Cidades. Volta Redonda – RJ. Disponível em:<www.cidades.ibge.gov.br> Acesso em: 25 out. 2017.

INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE VOLTA REDONDA, Caderno de bairro. Caderno n° 1. Volta Redonda: IPPU, 2011.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

SENNETT, R. **O declínio do homem público**: as tiranias da intimidade. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOUZA, Eduardo. **Clássicos da Arquitetura**: Centro Cultural São Paulo / Eurico Prado Lopes e Luiz Telles. Disponível em: <www.archdaily.com.br> Acesso em: 25. out. 2017.

TATAKI, Emika; COELHO, Glauci. **A experiência da ação cultural Hip-Hop sob o viaduto de Madureira no Rio de Janeiro**. Risco: Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo. São Paulo: USP, n° 8, 2008.

VILLAÇA, F. **Reflexões sobre as cidades brasileiras**. São Paulo: Studio Nobel, 2012.